

A LEITURA UNAMUNIANA DO HOMEM IBÉRICO PARA PENSAR O UNIVERSAL

Cristiane Agnes Stolet Correia
Doutoranda em Ciência da Literatura – UFRJ
cristianeagnesc@gmail.com

A proposta do presente trabalho é pensar a nação ibérica a partir da perspectiva do pensador espanhol Miguel de Unamuno. Sabendo que o autor manteve estreito contato com diversos escritores portugueses, visitou várias vezes o país vizinho e era um assíduo leitor da literatura portuguesa (a qual era lida na língua de origem da mesma), vale investigar como a aproximação unamuniana com Portugal culmina na percepção e na construção de uma cultura ibérica fronteiriça, embasada em um profundo sentimento trágico.

A insistente ideia unamuniana de que ao se pensar “en el pueblo de su lugar”¹, pensa-se no “pueblo de todos los lugares y de todas las naciones de la Historia”² (UNAMUNO, 1958, p. 1107) é intrigante. Para o autor, quanto mais se adentra o singular de um povo, de um homem, mais se aproxima do universal. Ele aclara: “O singular não é particular, é universal.” (UNAMUNO, 1996, p. 11). Falar em singularidade é falar a partir do concreto, que se embasa em nossa condição humana. Ora, só podemos falar do lugar de homens que somos. E é neste lugar comum que se instauram diferenças. Portanto, pensar a diferença, a especificidade, o próprio de cada um, é também pensar o comum, o elo que nos une.

Com esta convicção, adentraremos o pensamento unamuniano que busca apreender e sentir a nação ibérica. Nosso intuito, portanto, não é nos fixar estritamente na cultura peninsular, mas, a partir desta zona fronteiriça, intermediada pelo modo de ser português e espanhol (na perspectiva do autor em questão), repensar o nosso ser.

Cabe destacar que enfocaremos principalmente, em um primeiro momento, as obras ensaísticas do autor que primam pelas descrições paisagísticas, além do personagem tão estudado *Don Quijote de La Mancha* (por reunir em si a criação em pessoa; para Unamuno, o inaugurador do hispanismo, o autêntico ser espanhol) e,

¹ No povo de seu lugar.

² No povo de todos os lugares e de todas as nações da História.

posteriormente, a reunião de todas as questões apresentadas a partir do texto *Do sentimento trágico da vida nos homens e nos povos*, reconhecido pelo autor como o livro em que pôs mais de sua alma e da alma do seu povo. (*apud* UNAMUNO, 1986, p. 87).

Segundo Miguel de Unamuno, a observação de uma paisagem não se detém em si mesma, é necessário observar e sentir o que se apresenta. O homem não só faz parte da paisagem de um país, como também está inserido nesta. A mudança dos tipos de predicado nas duas orações é proposital: enquanto “não só faz parte da paisagem de um país” exemplifica um predicado verbal, com o núcleo no verbo “fazer”; “como está inserido nesta” resulta em um predicado nominal, onde o termo central é “inserido”, que funciona como predicativo do sujeito. E o que quero sinalizar com isto? Primeiro, que o homem, fazendo parte da paisagem, interfere nesta, atua diretamente. Depois, que ao estar inserido, o homem recebe características desta paisagem, seu estado de inserção caracteriza-o.

Portanto, observando e sentindo a paisagem que nos rodeia e da qual fazemos parte, nossa atenção se volta não só para o externo (com nossa atuação no ambiente), como também para o interno (quando a paisagem atua em nós). Perfazendo nossas vidas em um espaço, o movimento não se dá em uma única direção, a criação espaço- homem age em via de mão dupla. Não só o espaço deve tocar e falar ao homem, como também este deve “dizer ao que veio”. Para que esta ação conjunta se realize, é claro que é indispensável abertura e sensibilidade constantes. Abertura e sensibilidade sentidas profundamente na obra do pensador Miguel de Unamuno. Acompanhemos ao autor.

Em uma de suas cartas a Teixeira de Pascoaes, Unamuno escreve: “Sin conocer a Portugal no se conoce a España; por el contraste y por lo otro.”³ (UNAMUNO, 1986, p. 89). Cabe, assim, investigar o que seria um e outro para o autor. Começemos por Portugal. Leiamos três passagens de obras unamunianas onde aparece a visão do escritor do modo de ser português:

En la ciencia, en el conocimiento de las razones de las cosas, de la ley de los movimientos, en la matemática, en fin, buscan unos hombres y unos pueblos el secreto del universo, de la vida y de la muerte. Otros le buscan en la religión (...) Y hay quien busca en el amor el secreto de la vida, de la muerte y del universo, y su

³ Sem conhecer a Portugal não se conhece a Espanha; pelo contraste e pelo outro.

razón de ser. Tal creo, aquí, en Portugal. (UNAMUNO, 1958, p. 731-732).

[Na ciência, no conhecimento das razões das coisas, da lei e dos movimentos, na matemática, enfim, buscam uns homens e uns povos o segredo do universo, da vida e da morte. Outros o buscam na religião (...) E há quem busca no amor o segredo da vida, da morte e do universo, e sua razão de ser. Tal creio, aqui, em Portugal.]

“¿Qué tendrá este Portugal — pienso — para así atraerme? ¿Qué tendrá esta tierra, por de fuera riente y blanda, por dentro atormentada y trágica?”⁴ (UNAMUNO, 1958, p. 442-443). “El portugués es constitucionalmente pesimista⁵.” (UNAMUNO, 1958, p. 387).

Repassando as declarações unamunianas, o modo de ser português se perfaz com as seguintes características: o amor é a grande busca e se encontra no cerne da filosofia portuguesa, o riso e a brandura estão sempre presentes, mas são comportamentos que escondem tormento e pessimismo. Como pensar um povo que comunga amor, diversão e tragédia⁶?

O amor se mostra na tradição portuguesa como o mais ambíguo dos sentimentos, o mais radical, capaz de fazer viver, mas também de matar, possibilitando o mais profundo regozijo, ao mesmo tempo em que finca suas raízes na dor. Se o povo português, conforme Miguel de Unamuno, busca e encontra no amor respostas para todas as suas inquietações, daí advêm sua alegria visível e seu oculto tormento.

Mas Unamuno afirma ainda que o português é constitucionalmente pessimista. Estaria também este pessimismo atrelado ao amor? Talvez, pois, sendo ambíguo, o amor pode provocar otimismo e pessimismo. Entretanto, o autor espanhol trata o pessimismo como algo constitucional do ser português. Assim sendo, na visão unamuniana, o que forma o português desde sempre é seu caráter pessimista. Pronto. Destruímos a compreensão de ser o amor que provoque este sentimento no contexto

⁴ O que terá este Portugal — penso — para assim atrair-me? O que terá esta terra, por fora risonha e branda, por dentro atormentada e trágica?

⁵ O português é constitucionalmente pesimista.

⁶ Vale notar que o próprio Unamuno relaciona o riso à diversão e o tormento à tragédia, chegando a afirmar que “en ese pueblo triste, tristísimo, la gente se divierte, sin duda, pero se divierte como si dijera: comamos y bebamos, que mañana moriremos.” [Nesse povo triste, tristíssimo, as pessoas se divertem, sem dúvida, mas se divertem como se dissessem: comamos e bebamos, que amanhã morreremos]. (UNAMUNO, 1958, p. 443).

apresentado. Constituinto o ser português, o pessimismo já está instaurado no homem quando este se lança na busca do amor.

O que, então, esta espécie de essência pessimista sinaliza? Que o português não tem fé em si mesmo. Unamuno o explicita em outra carta endereçada a Teixeira de Pascoaes: “No les falta a ustedes hombres, lo que les falta es cohesión, espíritu de solidaridad, fe en sí mismo y en su pueblo y pueblo mismo.”⁷ (UNAMUNO, 1986, p.68).

A fé em si mesmo é primordial para que os homens se unam e se façam povo. Sem crer em si mesmo, o português mostra-se um eterno desconfiado. A desconfiança, é claro, impede-o de ser coeso, de formar um povo. Além disso, acreditar em si é o primeiro passo para que alguém se ponha em luta, transforme seus sentimentos em ações. Sem a primeira convicção, a pessoal, o português afunda seus sentimentos na imobilidade exterior, recusa-se a atuar substancialmente no mundo, a lutar por seus ideais, culminando em “um povo suicida”⁸.

Retomando a declaração unamuniana de que “sin conocer a Portugal no se conoce a España; *por el contraste y por lo otro*” (UNAMUNO, 1986, p. 89) (grifo nosso), fica patente que a Espanha vai na contramão de Portugal. Se em Portugal impera o amor e a desconfiança, na Espanha reina o ódio e um excesso de confiança. Unamuno reconhece que o problema político nacional espanhol está na “concordia entre las diversas índoles de los pueblos que integran a España⁹.” (UNAMUNO, 1958, p. 750). Ora, se a concórdia é o problema político, parece que os espanhóis tampouco concorrem para a formação de um povo coeso. Não é por se tratar de um povo extremamente heterogêneo e diverso (assim como Portugal, haja vista o processo de ocupação da península) que há grande dificuldade política no país. O problema não está em a Espanha estar formada por vários povos muito diferentes. A diferença não deveria separar, mas, pelo contrário, fortalecer a unidade. O problema está em cada um crer-se mais que os demais, recusando e afastando-se do que diverge, sem nenhuma explicação plausível, embalado por um ódio que se nutre somente de um desejo egoísta de ser mais que os outros. Pura ilusão! O ser homem não aceita comparações guiadas por um *mais*

⁷ Não falta a vocês homens, o que lhes falta é coesão, espírito de solidariedade, fé em si mesmo e em seu povo e povo mesmo.

⁸ Título de um ensaio de Miguel de Unamuno.

⁹ Concórdia entre as diversas índoles dos povos que integram a Espanha.

que ou *menos que*. Não há espaço para uma superioridade ou inferioridade, porém somente para uma singularidade que, quanto mais própria, mais universal.

Para Miguel de Unamuno, o propriamente hispânico (portanto, autenticamente universal) encontra-se em *Don Quijote de La Mancha*. Averiguemos, então, este personagem mais de perto na visão do autor estudado.

Vários são os estudos de Miguel de Unamuno dedicados a pensar a obra mestra cervantina, entre eles vale destacar o texto *Vida de Don Quijote y Sancho*, onde, após uma introdução denominada “El sepulcro de Don Quijote” e diversos prólogos (que vão sendo acrescentados a cada edição), o autor propõe-se a comentar cada capítulo do romance de Cervantes. A introdução e os prólogos mencionados, juntamente com o texto *El Caballero de la triste figura e os ensaios unamunianos* “Quijotismo”, “Glosas al «Quijote»” e “La causa del quijotismo” serão o mote principal para apresentar o personagem Don Quixote sob a perspectiva do pensador espanhol em questão.

A história de *Don Quijote de la Mancha* tem início quando o fidalgo Quijada ou Quesada resolve autodenominar-se cavaleiro andante, já com seus cinquenta anos. O que ele viveu antes não interessa ao autor enquanto descrição de um passado, mas somente enquanto atualização no que ele é no auge dos seus cinquenta anos. De Quijada/Quesada nasce *Don Quijote de La Mancha*, aquele que se põe a caminho com o intuito de salvar o mundo e ganhar fama, ou seja, que almeja viver sua história como cavaleiro andante e viver na história, permanecendo na memória dos povos vindouros.

Unamuno declarou diversas vezes que os personagens são filhos do autor, ou mais: que são o próprio autor. Portanto, a declaração do escritor em *Do sentimento trágico da vida nos homens e nos povos* poderia estar facilmente na boca do *Don Quijote* unamuniano, considerando que Miguel de Unamuno se apropriou do personagem cervantino, recriando-o:

O universo visível, o universo que é filho do instinto de conservação, me é estreito, como uma jaula pequena para mim e contra cujas barras minha alma bate em seus vãos; falta-me no ar o que respirar. Mais, mais, cada vez mais, quero ser eu e, sem deixar de sê-lo, ser ademais os outros, adentrar a totalidade das coisas visíveis e invisíveis, estender-me ao ilimitado do espaço e prolongar-me ao inacabável do tempo. (UNAMUNO, 1996, p. 38).

O senhor Quijada/Quesada não se contentava com o pequeno espaço no qual estava acomodado nem com o pouco tempo que lhe restava. A lógica da visibilidade humana já não lhe era suficiente. Precisava “adentrar a totalidade das coisas visíveis e *invisíveis*” (grifo nosso) e, para tanto, tinha que buscar ultrapassar os limites da sua existência. Antes de fazer-se cavaleiro andante, o visível já clamava pelo invisível. *Alonso el Bueno* começou a sentir a necessidade de alimentar a própria imaginação, de autodenominar-se outro para sentir-se mais a si mesmo, desdobrava-se, assim, no invisível aos olhos alheios. Deste desdobramento, surge *Don Quijote de La Mancha*.

Motivado e inspirado pelas leituras que fazia, pela própria força poética sentida, pôs-se a caminhar disposto a ampliar sua visibilidade, a abrir seu horizonte, a atuar na necessidade, a confiar na possibilidade da mudança e a ser insistente. Primeiro partiu sozinho, mas aconselhado a buscar um escudeiro (assim como os demais cavaleiros andantes), acatou a recomendação e, ao reiniciar sua jornada, pôde fazê-lo ao lado de Sancho Panza.

De modo geral, costuma-se enfatizar a loucura do protagonista de modo jocoso, opondo-o, inclusive, a seu escudeiro Sancho Panza. Enquanto o primeiro simbolizaria o ideal, o segundo representaria o material. Mas esta compreensão é demasiado simplista, sufocando o clamor humano-poético que voga por vir à tona. Se Sancho Panza representasse unicamente o materialismo e o realismo, por que seguiria a um suposto louco? A promessa de uma ilha vinda de alguém sem cordura não poderia ser levada a sério. “En rigor apenas se diferencian los locos de los cuerdos, sino en que éstos piensan las locuras de aquéllos, pero ni las dicen ni las hacen.”¹⁰ (UNAMUNO, 1952, p. 596).

É certo: Sancho Panza nem fala nem age como seu amo. Falta-lhe uma maior dose da “generosa loucura” (UNAMUNO, 1952, p. 593), mas isso não quer dizer que ele simbolize a matéria, o real, que não tenha em seu íntimo um pouco da loucura quixotesca. Don Quixote tampouco é somente um louco desvairado (como tantas vezes querem retratá-lo), ele também preserva a “egoísta cordura de Alonso el Bueno”. (UNAMUNO, 1952, p. 593).

No ensaio “El quijotismo”, Unamuno retoma o capítulo LVIII da segunda parte da obra cervantina para comentá-lo, focando sua atenção no seguinte pensamento quixotesco: “Ellos¹¹ conquistaron el cielo a fuerza de brazos, porque el cielo padece

¹⁰ Em rigor quase não se diferenciam os loucos dos cordos, senão que estes pensam as loucuras daqueles, mas não as dizem nem as fazem.

¹¹ O pronome “ellos” se refere a: São Jorge, São Martinho, São Diogo Mata-mouros e São Paulo.

fuerza, y yo hasta ahora no sé lo que conquisto a fuerza de mis trabajos.”¹² (grifo nosso) (UNAMUNO, 1952, p. 591).

A dúvida momentânea do personagem revela a “egoísta cordura de Alonso el Bueno”. Afinal, somente um homem prudente se permitiria o questionamento acerca de uma relação consecutiva / final. Para este, trabalha-se para conquistar algo. E, se não se sabe o que é conquistado, para que trabalhar? O homem sensato raciocina: o esforço dos meus trabalhos deve valer uma recompensa. Se desconheço esta recompensa, talvez seja porque ela não exista. Assim, de nada valem meus trabalhos. A não consciência e a incerteza de Don Quixote acerca do que conquista abalam a sua fé. Daí a fé quixotesca ser baseada na dúvida.

Uma fé que não fosse posta em xeque não mereceria ser chamada de fé, já que não teria sido provada. Uma fé alicerçada na dúvida caminha lado a lado com a esperança: não se prende a certezas, mas também não descarta a possibilidade do acontecimento. Daí a denominação unamuniana de Don Quixote como *cavaleiro da fé*, aquele que cavalga na oscilação da sua própria fé.

Mas, como sempre, o momento passa. Assim, a cordura de *Alonso el Bueno* se oculta e dá vazão à “generosa loucura”, que reaparece quando Don Quixote se encontra “enredado en unas redes de hilo verde”. “Así, cuando más ensimismado estás en meditar la vanidad de la locura del esfuerzo de tus trabajos, verdes redes te vuelven al fresco sueño de la vida”¹³. (UNAMUNO, 1952, p. 593). A esperança volta a emaranhar nosso herói, que reaviva a sua capacidade de sonhar.

Se o sonho pode ser considerado como “a atividade primitiva do pensamento” (TÜRCKE, 2010, p. 51) e a loucura é o que nos introduz nas verdes redes dos sonhos, faz-se necessário um novo *elogio da loucura*, desta vez de fundo quixotesco. Afinal, o embalo primitivo é o berço do próprio pensamento.

Grande fue la locura de Don Quijote, y lo fue porque era grande la raíz de que brotaba, ese inextinguible anhelo de sobrevivirnos,

¹² Eles conquistaram o céu à força de braços, porque o céu padece força, e eu até agora não sei o que conquisto à força de meus trabalhos.

¹³ Enredado em umas redes de fio verde. Assim, quando mais ensimesmado está em meditar a vaidade da loucura do esforço de seus trabalhos, verdes redes o devolvem ao fresco sonho da vida.

que es el manantial tanto de los más desatinados desvaríos como de los más heroicos actos¹⁴. (UNAMUNO, 1952, p. 599).

Da profundidade da raiz da loucura quixotesca podem brotar atos heróicos, ações valorosas. O puro senso de cordura não permite tirar os pés do chão nem para lançar-se rumo ao abismo nem para voar na imensidão, a sensatez solitária fixa, paralisa, permanece no estaque. O heroísmo precisa de loucura. Mas de uma loucura que seja de dentro para fora. Para dar as mãos à generosa loucura, faz-se mister reconhecer-se para engendrar-se, sonhar para viver o sonho. É o que ainda faz *Don Quijote de la Mancha*, podendo ser chamado de herói universal. “Héroes son éstos que viven y pelean y guían a los pueblos a la lucha, y en ella los sostienen, no menos reales y vivos que los de carne y hueso, tangibles y perecederos.”¹⁵ (UNAMUNO, 1945, p. 75).

Don Quixote continua instigando-nos, convocando-nos à obra. Ele “supo decir a relleno sentido: ¡Yo sé quién soy!” e deve “enseñarnos a cada uno de los españoles¹⁶ quién somos (...) que cada cual ha de adorar su yo y para poder adorarlo hacerlo digno de adoración”¹⁷. (UNAMUNO, 1980, p. 15).

Quesada/Quijada, adentrando no seu eu, descobre-se, melhora-se, cria-se em Don Quixote. Sua pessoa e sua individualidade são reconhecidas por si mesmo e seu querer é o que o move. Fazendo de seu eu história (em um movimento egotista¹⁸, partindo do reconhecimento e do melhoramento interior para a atuação no mundo), também faz história da nação. Afinal, nação vem de nascer, e se um povo faz a nação, este povo deve ser formado por eus, por homens que vivem suas histórias pessoal e individualmente. Dos nascimentos humanos conjuntos constrói-se uma nação. Que a empreitada quixotesca não paralise pelo riso, mas instigue a cada um a colocar-se em

¹⁴ Grande foi a loucura de Don Quixote, e o foi porque era grande a raiz de que brotava, esse inextinguível anelo de sobreviver-nos, que é o manantial tanto dos mais desatinados desvarios como dos mais heróicos atos.

¹⁵ Heróis são estes que vivem e pelejam e guiam os povos à luta, e nela os sustentam, não menos reais e vivos que os de carne e osso, tangíveis e perecíveis.

¹⁶ Ensinar a cada um dos espanhóis é também ensinar a cada um dos seres humanos.

¹⁷ Soube dizer a pleno sentido: “Eu sei quem sou!” (...) ensinar-nos a cada um dos espanhóis quem somos (...) que cada qual tem que adorar seu eu e para poder adorá-lo fazê-lo digno de adoração.

¹⁸ Unamuno opõe egotismo a egoísmo. Enquanto o primeiro se relaciona ao verbo “ser”, o segundo conjuga o verbo “ter”. Uma pessoa egotista, a partir do que faz de seu ser, age, ou seja, parte de um trabalho interno, de um fazer-se história, para agir no mundo, isto é, na história. Um egoísta, em contrapartida, quer trazer tudo que existe fora para si, quer possuir e deixar suas possessões guardadas, trancafiadas. Diria que a história não interessa a um egoísta, já que o fazer e o viver não fazem parte de seu mundinho ilusório construído somente por pertences.

marcha, a lutar como cavaleiros andantes. “Ponte en marcha, solo. Todos los demás solitarios irán a tu lado, aunque no los veas.”¹⁹ (UNAMUNO, 2005, p. 35). Daí a força da afirmação unamuniana de que “Cervantes nos dio en 1605 la Biblia del personalismo individualista español”²⁰ (UNAMUNO, 1980, p. 15). A associação de Don Quixote a um Jesus Cristo espanhol é bastante válida. Jesus também saiu sozinho e ainda hoje conquista seguidores. Assim como Jesus Cristo, Don Quixote saiu a pregar, não falando do reino de Deus, mas do reino dos homens mesmo, fazendo do seu próprio agir oração.

A sua ânsia de imortalidade reside no próprio sentimento trágico tipicamente hispânico: “La sed de sobrevivir ahogó en Don Quijote el goce de vivir.”²¹ (UNAMUNO, 1952, p. 599). Mas se a sua generosa loucura abafou o seu gozo vital, deixou-nos ensinamentos primorosos: “Santifiquemos nuestra intención y quedará santificado el mundo, purifiquemos nuestra conciencia y puro saldrá el ambiente. Las ajenas intenciones están fuera de nuestro influjo.”²² (UNAMUNO, 1952, p. 592).

Sabendo que Unamuno insiste em mesclar e confundir as noções de personagem e pessoa, chegando até mesmo a dizer que *Don Quijote de La Mancha* existiu e existe com muito mais força que Miguel de Cervantes (claro: aquele continua obrando até os dias atuais em cada um de seus leitores, enquanto este não nos diz muita coisa com sua pessoa), cabe trazer para nossas vidas os ensinamentos deixados por este extraordinário personagem-pessoa.

Que aprendamos com a fé admirável de *Don Quijote* e, assim, façamo-nos e façamos nação. Que o hispanismo universal instaurado por ele inspire novos Quixotes! Se a declaração unamuniana ainda se aplica hoje de que “Don Juan vive y se agita, mientras Don Quijote duerme y sueña, y de aquí muchas de nuestras desgracias”²³ (UNAMUNO, 1978, p. 105), mudemos esta história, despertando o espírito quixotesco que há dentro de nós e lançando-nos enquanto seres temporais/trágicos na permanência da história. Daí poderemos resgatar com toda a sua potência o homem adormecido em cada um de nós.

Mas este resgate tem necessariamente que estar vinculado à própria condição do homem que, na perspectiva unamuniana, reside no concreto, no homem de carne e osso.

¹⁹ Ponha-se em marcha, sozinho. Todos os demais solitários irão a seu lado, ainda que não os veja.

²⁰ Cervantes nos deu em 1605 a Bíblia do personalismo individualista espanhol.

²¹ A sede de sobreviver sufocou em Don Quixote o gozo de viver.

²² Santifiquemos nossa intenção e ficará santificado o mundo, purifiquemos nossa consciência e puro sairá o ambiente, As alheias intenções estão fora de nosso influxo.

²³ Don Juan vive e se agita, enquanto Don Quixote dorme e sonha, e daí muitas de nossas desgraças.

O texto *Do sentimento trágico da vida nos homens e nos povos* tem como abertura, inclusive, o capítulo intitulado *O homem de carne e osso*. É certo que o título mencionado ao início desta obra não foi em vão: mostra o ponto de partida de qualquer filosofia. Eis o início:

Sou homem; a nenhum outro homem considero estranho. Porque o adjetivo *humanus* me é tão suspeito quanto o substantivo abstrato *humanitas*, humanidade. Nem o humano, nem a humanidade, nem o adjetivo simples, nem o adjetivo substantivado, mas sim o substantivo concreto: o homem. O homem de carne e osso, aquele que nasce, sofre e morre — sobretudo morre —, que come, bebe, joga, dorme, pensa e ama, o homem que se vê e a quem se ouve, o irmão, o verdadeiro irmão. (UNAMUNO, 1996, p. 1).

Uma das coisas que forma este homem concreto é a língua da qual ele faz uso. Vale destacar, no entanto, que cada língua carrega em si mesma uma certa filosofia, o que Unamuno faz questão de enfatizar: “una vez más he de repetir lo de que la lengua es la sangre del espíritu y que en un idioma va implícita una cierta filosofía, un cierto modo de concebir, de sentir la vida²⁴”. (UNAMUNO, 1958, p. 487). Assim, vale mencionar o que pensa o escritor sobre o português e o espanhol: “Dijo Cervantes del idioma portugués que es el castellano sin huesos, y, retrucándole, cabría decir que el castellano es el portugués osificado²⁵”. (UNAMUNO, 1958, p.369). Convém salientar, então, que as línguas portuguesa e espanhola já revelam os traços peculiares de cada cultura e apontam para uma necessidade de integração entre ambas.

Inúmeras são as metáforas que Unamuno utiliza na descrição da terra portuguesa que se assemelham ou remetem à carne, que apresenta a característica de maleabilidade. Para o autor estudado, o português sempre está ancorado no sentimental, é um eterno apaixonado que oscila entre uma “saudosa lírica de acogimiento”²⁶ (UNAMUNO, 1986, p. 89), um sentimento da natureza que reside em uma “quietud campesina”²⁷ (UNAMUNO, 1986, p. 74) ou “el tedio portugués, el pesimismo patriótico”²⁸.

²⁴ Uma vez mais hei de repetir o de que a língua é o sangue do espírito e que em um idioma vai implícita uma certa filosofia, um certo modo de conceber, de sentir a vida.

²⁵ Disse Cervantes do idioma português que é o castelhano sem ossos, e, retrucando-lhe, caberia dizer que o castelhano é o português ossificado.

²⁶ Saudosa lírica de acolhimento.

²⁷ Quietude camponesa.

²⁸ O tédio português, o pessimismo patriótico.

(UNAMUNO, 1986, p. 65). Parece que o português está sempre voltado para dentro, sua carne não tem sustentação suficiente para permitir que seu corpo alce um grande movimento de dentro para fora. “Portugal: Parece un pueblo que no sabe sino llorar o burlarse. Y el burlarse suele ser un modo de llorar.”²⁹ (UNAMUNO, 1958, p. 363). Tanto a manifestação do choro como a do riso funcionam como algemas que imobilizam o homem português.

Em contrapartida, o espanhol é capaz de sonhar, e sonhar bem alto. Sentindo-se extremamente capaz, caminha com passos firmes, mas tropeça na sua própria prepotência. Não sendo capaz de admitir a diferença como algo enriquecedor, sucumbe no seu orgulho cego. O próprio se constrói com a diferença, com o conhecimento do outro, que se dá através do amor, e vice-versa³⁰. Este aspecto foi bem compreendido pelos portugueses, conforme Miguel de Unamuno. Mas não basta amar, é imprescindível acreditar, ter fé (o que, para o pensador espanhol, falta aos mesmos). Se, portanto, sobra amor e falta fé na cultura portuguesa; na espanhola, sobra fé e falta amor. A questão está em conciliar as duas culturas, em romper com as barreiras existentes entre elas e fundar uma nação ibérica, onde não haja excessos nem faltas substanciais. Nação esta que não está fadada aos limites territoriais, mas tão somente aos limites existentes no próprio ser do homem, enquanto ser necessariamente trágico. Cabe, assim, perguntar: o que é o trágico? Unamuno responde falando do enigma que cabe à filosofia:

E o mais trágico problema da filosofia é o de conciliar as necessidades intelectuais com as necessidades afetivas e volitivas. Pois aí fracassa toda filosofia que pretende desfazer a eterna e trágica contradição, base da nossa existência. (UNAMUNO, 1996, p. 15).

Mais adiante, fala da necessidade humana, o que o leva a adentrar diretamente a questão do trágico:

²⁹ Portugal: Parece um povo que não sabe senão chorar ou ridicularizar-se. E o ridicularizar-se costuma ser um modo de chorar.

³⁰ “Porque el conocerse es amarse. El conocimiento engendra amor y el amor conocimiento. Son el fondo una sola y misma cosa vista por fuera o por dentro.” UNAMUNO, 1958, p. 69). [Porque o conhecer-se é amar-se. O conhecimento engendra amor e o amor conhecimento. São no fundo uma só e mesma coisa vista por fora ou por dentro.]

Mas será que podemos conter esse instinto que leva o homem a querer conhecer e, sobretudo, a querer conhecer o que leva a viver, e a viver sempre? A viver sempre, não a conhecer sempre (...) Porque viver é uma coisa e conhecer outra; e, como veremos, talvez haja entre ambas tal oposição, que possamos dizer que tudo o que é vital é anti-racional, (...), e tudo o que é racional, antivital. Esta é a base do sentimento trágico da vida. (UNAMUNO, 1996, p. 33).

A partir dos dois trechos de Unamuno, percebe-se que o trágico reside na insolúvel contradição existencial. O homem tem dentro de si o clamor da vida que se quer tão somente ser vivida, e ao mesmo tempo o anseio racional que tudo quer entender e explicar. Diz Unamuno que a tentativa de “conciliar as necessidades intelectuais com as necessidades afetivas e volitivas” faz fracassar a filosofia. Afinal, não há conciliação, pois “tudo o que é vital é anti-racional (...) e tudo o que é racional, antivital”. Eis a apreensão unamuniana central do trágico: a interminável luta entre o racional e o vital que se perfaz em cada homem.

Talvez seja possível afirmar que a razão faz parte da vida, mas não o contrário, que a vida faz parte da razão. A vida abarca o todo e, neste todo, há um lugar que pode ser ocupado pela razão. Esta, assim sendo, só ganha espaço porque há vida, e vida que também quer ser pensada³¹. Daí a razão da razão. A razão da vida parece não existir e, se existe, é inapreensível pela nossa capacidade intelectual que busca fixar âncora em um porto seguro.

Tende-se a buscar uma causa para tudo que se vivencia, mas o fato é que as causas sempre serão questionáveis, sempre vacilarão, nunca se fixarão em uma estrutura inabalável, por mais que alguns assim o queiram. Não há opção. Enquanto houver vida em nós, se quisermos que esta valha assim ser chamada, não devemos “procurar justificação alguma para esse estado de luta interior, de incerteza e de anseio: é um fato e basta”. (UNAMUNO, 1996, p. 124).

Não confundamos este bastar, porém, com o fim do caminho, com a acomodação, com a desistência de se pensar a questão. Não é isso. Acabar com a tentativa de resolver o problema sim (já que este se instaura como enigma mesmo), mas não deixar de pensá-lo, pois é neste intento que o homem se perfaz. Aqueles que não

³¹ Cabe aqui retomar o essencial de pensar, que reúne interno e externo, raciocinar e cuidar, visto que “pensar” significa não só raciocinar e refletir, como também colocar penso, curativo para tratar um ferimento. Esta ideia foi desenvolvida no subcapítulo de minha dissertação de mestrado intitulado *O pensar como saber trágico*, onde busco mostrar a equivalência entre ambas as noções.

encaram a questão essencialmente trágica podem ser o que Unamuno chama de “estúpidos afetivos”. Ele diz:

Esses estúpidos afetivos dotados de talento costumam dizer que não adianta querer penetrar o inescrutável, nem rebelar-se. É como dizer a alguém cuja perna teve de ser amputada que de nada adianta pensar nisso. E a todos nós falta alguma coisa, só que uns sentem e outros não. (UNAMUNO, 1996, p. 16).

Semelhante sandice também é ilustrada em outro contexto no procedimento de alguém que age com base no puramente racional: “Um pedante que viu Sólon chorar a morte de um filho lhe disse: *Para que chora assim, se não adianta nada?* E o sábio respondeu: *Precisamente por isso, porque não adianta nada.*” (UNAMUNO, 1996, p. 16). O sábio diz chorar exatamente por saber que está diante do insolúvel. A razão aqui não dá conta de apaziguar a dor que sente com a perda. O sentimento não pode ser reduzido a uma série de sentenças lógicas. A tentativa de se tomar o racional como único parâmetro culmina na total insensibilidade.

Imaginar alguém que perdeu um membro e nem por isso deixa de pensar nele, ou melhor, talvez por isso mesmo é que o membro perdido passe a ser mais pensado, também traduz perfeitamente o que é este sentir trágico. É no sentimento de impossibilidade de mudança que o homem chora sua sentença trágica.

Mesmo com o término da vida do escritor (contra o qual Unamuno luta insistentemente, fazendo valer sua condição trágica), a obra continua a ser “escrita” por seus leitores. Foi nesta perspectiva que se deu a aventura da realização da escrita do presente trabalho, buscou-se, de certa maneira, dar continuidade à obra do grande pensador Miguel de Unamuno.

Quando Unamuno diz que “o sentimento trágico da vida é um sentimento de fome de Deus” (UNAMUNO, 1996, p. 162-163), ele apreende esta vontade trágica do homem de se fazer imortal. Nele, o insistente querer acabou lançando-o no horizonte da imortalidade, pois, desejando ser sempre inteiro e abismático (de ab-ismo, distante de todos os ismos, de todos os sistemas), revive em suas obras e em seus leitores. Eis suas vivas palavras com relação à sua obra:

¿Qué me importa que no leas, lector, lo que yo quise poner en ella, si es que lees lo que te enciende en vida? Me parece necio que un autor se distraiga en explicar lo que quiso decir, pues lo que nos importa no es lo que quiso decir, sino lo que dijo, o mejor lo que oímos. (UNAMUNO, 2009, p. 121).

[O que me importa que não leias, leitor, o que eu quis pôr nela, se é que lêes o que te acende em vida? Parece-me estúpido que um autor se distraia em explicar o que quis dizer, pois o que nos importa não é o que quis dizer, mas sim o que disse, ou melhor o que ouvimos.]

Que possamos ouvir muito profundo, adentrando-nos. Pois “la vida, que es todo, y que por serlo todo se reduce a nada, es sueño”³² (UNAMUNO, 2009, p. 127). Restamos tão somente criar romances e vivê-los. Sem respostas para muita coisa, que possamos ser embalados por sonhos. Mas que dos sonhos despontem nossas ações. Ainda que pareçam impossíveis. Afinal, como diz Unamuno, “quem não aspira ao impossível não fará nada factível que valha a pena.” (UNAMUNO, 1996, p. 269).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TÜRCKE, Christoph. *Filosofia do sonho*. Ijuí: Unijuí, 2010.

UNAMUNO, Miguel de. “Andanzas y visiones españolas”. In: *Obras completas – Tomo I*. Madrid: Afrodisio Aguado, 1958. p. 601-850.

_____. *Cómo se hace una novela*. 1.ed. Madrid: Cátedra Letras Hispánicas, 2009.

_____. *Do sentimento trágico da vida*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *El Caballero de la triste figura*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1945.

_____. *El espejo de la muerte*. Madrid: Espasa-Calpe, 1967.

_____. *Ensayos y artículos*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980.

_____. *Epistolário Ibérico: Cartas de Pascoaes e Unamuno*. Introdução de José Bento. Lisboa: Assírio & Alvim, 1986.

_____. *Névoa*. Trad. José Antônio Ceschin. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

_____. *Niebla*. Introducción de Ana Suárez Miramón. Madrid: Alianza Editorial, 2007.

_____. *Mi religión y otros ensayos*. Madrid: Espasa-Calpe, 1978.

_____. *Monodíálogos*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe, 1972. (Colección Austral).

_____. “Paisajes del alma”. In: *Obras completas – Tomo I*. Madrid: Afrodisio Aguado, 1958. p. 851-1128.

³² A vida, que é tudo, e por ser tudo se reduz a nada, é sonho.

_____ “Por tierras de Portugal y de España”. In: *Obras completas – Tomo I*. Madrid: Afrodisio Aguado, 1958. p. 351-600.

_____ “Quijotismo y Cervantismo”. In: *Obras completas – Tomo V*. Madrid: Afrodisio Aguado, 1952. p. 591-658.

_____ *Recuerdos de niñez y de mocedad*. Madrid: Alianza Editorial, 2006.

_____ *San Manuel Bueno, mártir*. Madrid: Espasa Calpe, 1942.

_____ Tres novelas ejemplares y un prólogo. Madrid: Alianza Editorial, 2008.

_____ *Vida de Don Quijote y Sancho*. Madrid: Alianza Editorial, 2005.